

ESCATOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ailto Martins³¹

Daiani Maria Oliveira³²

Elias Mande Laurindo André³³

Fernando Albano³⁴

Gilvan Nery de Souza³⁵

Heber Almeida do Nascimento³⁶

Joel Peres da Silva³⁷

³¹ Doutorando em Teologia (PUC-Paraná). Mestrado em Teologia (FABAPAR). Pós-graduado MBA em Gestão de Pessoas (UNINTER). Pós-graduado em Educação a Distância (Portal da Educação/Universidade Dom Bosco). Graduado em Administração de Empresas (UNIVILLE). Ciências Contábeis (UNIASELVI) e Teologia (FATE/Methodista). Avaliador do MEC/BASIS. Coordenador do grupo de estudos GEP (Grupo de Estudos do Pentecostalismo). Pesquisador do RELEP - Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais Professor da Faculdade Refidim. E-mail: ailto@ceeduc.edu.br

³² Aluna graduanda (segundo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: daiani.m.oliveira@gmail.com.br.

³³ Mestrando em Educação (IFSC). Pós Graduação especialização em Discipulado e Cuidado (Faculdade Refidim). Bacharel em Teologia (Faculdade Refidim). Tutor da Faculdade Refidim. E-mail: tutoria@ceeduc.edu.br.

³⁴ Doutor em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação das Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação das Faculdades EST. Licenciado em Ensino Religioso (Ciência da Religião) pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Joinville, SC. Graduação em Curso Livre de Teologia pela Faculdade Refidim, Joinville, SC. Atualmente é docente e pesquisador da Faculdade Refidim. Coordenador de Pesquisa e da Pós-Graduação - Faculdade Refidim. Tem experiência na área de Teologia e Ensino Religioso, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Teologia Pentecostal, Teologia Sistemática, Pneumatologia, Cristologia, Teologia e esfera pública. Professor da Faculdade Refidim. E-mail: fernando@ceeduc.edu.br.

³⁵ Aluno graduando (segundo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: jariel.nery@hotmail.com.

³⁶ Aluno graduando (quarto período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: heber.sfs@hotmail.com.

³⁷ Aluno graduando (sétimo período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: joel.peres2@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo quer compreender a relação entre escatologia pentecostal e pandemia. Ambas marcam o imaginário religioso pentecostal, ou seja, a perspectiva do fim de todas as coisas e o papel ocupado pelas pandemias no *eschaton* divino. Durante muito tempo, a escatologia inibiu as ações dos pentecostais neste mundo. Na atualidade, têm ocorrido mudanças no seio pentecostal, apesar de se perceber posturas conservadoras e dogmáticas em relação às últimas coisas. Para alguns pentecostais, a pandemia da Covid-19 é concebida como uma das pragas que inevitavelmente assolaria o mundo nos últimos dias, mas, ainda, não é a grande tribulação, portanto, o grande mal ainda está por vir. Diante disso, os pentecostais animados por sua escatologia associada a uma concepção de ser humano marcado pelo dualismo, são frequentemente inclinados a demonstrar certa indiferença em relação às tribulações do cotidiano. Assim, é necessário cultivar a ideia de que a escatologia não conduz necessariamente ao escapismo diante do mundo, mas, antes inspira a ação responsável e cuidadora em meio às tribulações do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Escatologia pentecostal; pandemia; tribulação; sociedade.

ABSTRACT

This article aims to understand the relationship between pentecostal eschatology and pandemic. Both mark the pentecostal religious imaginary,

³⁸ Aluno graduando (quarto período) do curso de Bacharel em Teologia EaD da Faculdade Refidim. E-mail: contatomisael@gmail.com.

that is, the perspective of the end of all things and the role played by pandemics in the divine eschaton. For a long time, eschatology inhibited the actions of pentecostals in this world. Nowadays, there have been changes in the pentecostal bosom, although conservative and dogmatic attitudes towards the last things are perceived. For some pentecostals, the Covid-19 pandemic is conceived as one of the plagues that would inevitably plague the world in recent days, but it is not yet the great tribulation, so the great evil is yet to come. In view of this, pentecostals motivated by their eschatology associated with a conception of human being marked by dualism, are often inclined to show a certain indifference in relation to the tribulations of everyday life. Thus, it is necessary to cultivate the idea that eschatology does not necessarily lead to escapism from the world, but rather inspires responsible and caring action amid the tribulations of the present time. Keywords: Pentecostal eschatology; pandemic; tribulation; society.

INTRODUÇÃO

A escatologia pentecostal ³⁹ em relação às diversas teorias escatológicas constitui-se oficialmente dispensacionalista, pré-

³⁹ Entre as várias classificações do pentecostalismo, a pesquisa se utiliza da classificação de sociólogo Paul Freston, a respeito das três ondas do movimento pentecostal: a primeira onda, o pentecostalismo clássico, com a chegada e fundação da Congregação Cristã em 1910 e da Assembleia de Deus em 1911. A segunda onda ocorre nos anos de 1950 e início de 1960. Com as igrejas pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) são os destaques desse período. A terceira onda designada também de neopentecostal: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus. Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. Quanto à história do protestantismo David Martin (1978) divide a dissidência protestante em três ondas: a puritana ou calvinista, metodista e a pentecostal. FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70. A

tribulacionista e pré-milenarista. A igreja pentecostal que opera pela via da escatologia futura, constitui-se inoperante e omissa no presente em relação às demandas advindas da sociedade. Por isso, a perspectiva da escatologia presente, alicerçada na esperança é coerente com a vocação pentecostal de cuidar das pessoas. Contudo, na prática esta perspectiva escatológica pentecostal de caráter milenarista, não consegue ser relevante para a sociedade em geral em tempos de pandemia. Apenas influencia os pentecostais, oferecendo possibilidades subjetivas para suas crenças e espiritualidades. Neste sentido, dois aspectos fundamentais influenciam essa prática, o escapismo e a especulação.

O escapismo escatológico representa para a igreja pentecostal uma segurança em tempos de pandemia, visto que de forma arrebatadora os pentecostais serão salvos destas tribulações. Contudo, este estado de livramento exclui as responsabilidades dos pentecostais frente à sociedade em crise e desconfigura as responsabilidades frente aos princípios do evangelho de Cristo em sua essência, o qual chama a atenção para a justiça social. Já, a especulação escatológica alimenta-se de eventos que venham promover o caos. De acordo com esta visão, quanto maior as crises e os sofrimentos que atingem a humanidade solidificada por via da especulação, mais legitimidade esta teoria alcança. Diante disso, conforme o pensamento especulativo, a pandemia pode ser compreendida como uma praga vinda da parte de Deus ou do Diabo. Assim, os pentecostais tentam harmonizar e deslocar os efeitos da pandemia para suas convicções escatológicas especulativas.

“Vem o fim, o fim vem”, esta frase marca o imaginário pentecostal. Sim, a escatologia pentecostal é fundamental para se entender o modo como o pentecostal lê a realidade que o cerca. Todas as coisas são vistas a partir do futuro da vinda de Cristo e inauguração do reino de Deus. Inclusive as tragédias históricas, guerras, mortes e pandemias, entre estas também o Coronavírus é interpretado escatologicamente. Sendo assim, este artigo pretende refletir sobre essa relação: escatologia e pandemia em perspectiva pentecostal, assim como apontar alguns possíveis caminhos escatológicos, hoje.

1. APONTAMENTOS SOBRE A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL

A escatologia de modo geral, constitui um desafio, dado ao fato que existem diferentes percepções doutrinárias a respeito da mesma. No entanto, a título de orientação, é fundamental destacar que, a abordagem será feita a partir da concepção pentecostal sobre a escatologia como o título deste tópico sugere.

Lançar-se ao desafio de tecer considerações em relação à escatologia é entregar-se à “tentação” de dizer algo sobre o futuro, sobre os momentos finais anteriores à segunda vinda de Cristo. Pode-se até ser mais audaciosos, e dizer que é a expressão do caráter humano – sempre disposto a prever o futuro. Uma tentativa de diminuir as angústias a respeito do que o futuro e a realidade do mundo reservam para a humanidade.

Em termos conceituais, Zibordi define a escatologia como oriunda da fusão de dois termos gregos: *eschatos* traduzido como último, derradeiro, final, extremo e *logia* entendido como coleta. “Estudo dos acontecimentos

que hão de ocorrer conforme a soberana vontade de Deus”⁴⁰. Portanto, a escatologia nos remete ao futuro da igreja de Cristo e do mundo como um todo.

De modo geral a escatologia pentecostal abrange as seguintes temáticas: arrebatamento da igreja, tribunal de Cristo, grande tribulação, vinda de Jesus a terra, fim do Império do Anticristo, julgamento das nações, milênio (após a prisão de Satanás), a revolta do Diabo e seu julgamento, juízo final, novos céus e nova terra. A compreensão acerca desses temas orienta/influencia diretamente o modo como os pentecostais lidam experiência humana, principalmente no que concerne à responsabilidade social e cidadania.

1.1 O ESCAPISMO NA ESCATOLOGIA PENTECOSTAL – RELAÇÕES E INFLUÊNCIAS

A escatologia pentecostal clássica é caracterizada pelo escapismo. Este é fruto de concepções antropológicas que orientam a vida de um grande número de cristãos pertencentes a este grupo. De forma conceitual, o escapismo revela uma atitude de isenção à participação nas questões de ordem sociais na esfera pública. Revela um isolamento individual ou comunitário que transcreve uma não responsabilização com a vida humana na esfera pública e com os agenciamentos da mesma nesse espaço. É importante mapear o substrato que sustenta e configura tal atitude de isenção. Ao tecer considerações sobre o olhar antropológico presente no ambiente pentecostal, Fernando Albano afirma o seguinte:

⁴⁰ ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) Teologia sistemática pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 486.

O dualismo antropológico, ainda que moderado, se constitui numa das características da teologia pentecostal brasileira. Isso explica a insuficiência em práticas que visam à transformação da realidade social e material, bem como o distanciamento dos pentecostais da vida social⁴¹.

Compreende-se a partir deste olhar que a atitude de isenção acima mencionada é fundamentada numa compreensão antropológica dualista. A relação do pentecostal com o corpo e a alma, dentro da perspectiva dual, demarca a sua posição diante do mundo. Tal posição tem como premissa uma escala valorativa na qual as questões de ordem espiritual e uma forte ênfase na salvação da alma têm primazia em detrimento do aqui e agora. Essa perspectiva dualista da teologia pentecostal revela também a sua compreensão ética e sua cosmovisão. É a partir deste lugar que se encaminha para efetivamente focalizar na escatologia pentecostal. Segundo Albano:

O modo como se olha para o futuro sempre influencia o presente. Neste sentido, certa compreensão de futuro pode servir para dar manutenção ao presente ou pode exigir sua transformação e, conseqüentemente, se amplia ou restringe a liberdade e dignidade humana⁴².

Tomando como base este pronunciamento, é legítimo pensar que a concepção escatológica pentecostal ou a cosmovisão pentecostal sobre o futuro, influencia diretamente no engajamento social, ou, na pouca

⁴¹ ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. 2010. p. 21.

⁴² ALBANO, Fernando. Escatologia pentecostal: aspectos íntimos e implicações públicas. In: Caminhos, Goiânia, v. 12, n.2, p. 407-415, jul./dez. 2014. p. 407.

expressão da responsabilidade social dos pentecostais. No entanto, pode-se afirmar que o escapismo tem como base primeiramente a compreensão antropológica pentecostal, e em segundo lugar a relação deste olhar antropológico com a sua perspectiva escatológica. Essa ideia de uma influência direta da escatologia pentecostal na vivência cotidiana dos pentecostais também é corroborada por Albano, ao afirmar que a concepção de futuro pentecostal interfere diretamente na sua vivência presente, orienta o modo de atuação ou participação deste na vida social⁴³.

Essa compreensão antropológica e escatológica, também afeta diretamente o modo como se compreende a soteriologia pentecostal, principalmente, por conta da perspectiva dualista que perpassa a mesma. Para Fajardo a escatologia pentecostal em geral tende a reforçar o dualismo, em lugar de conduzir a uma superação do mesmo, não propõe caminhos de uma superação efetiva, ao contrário, alimenta-o cada vez mais⁴⁴. Para Albano esta ambiguidade presente no pentecostalismo contradiz a própria experiência religiosa deste segmento, por conduzir a uma negação da liberdade humana⁴⁵. A liberdade humana que a experiência religiosa pentecostal propõe deveria ser mobilizadora de uma participação efetiva na esfera pública, porém, por conta do dualismo que marca a concepção escatológica, antropológica e soteriológica tem-se uma isenção, um ausentar-se do espaço público e das responsabilidades sociais próprias deste espaço que é o que chamamos aqui de escapismo.

⁴³ ALBANO, 2014.

⁴⁴ FAJARDO, M. Pinheiro. Revista Paralellus, ano 2, n. 4, jul./dez, Recife, 2011.

⁴⁵ ALBANO, 2014.

A relação que se estabelece com a esfera pública é sempre numa perspectiva de resgate - “resgatar os perdidos das mãos do inimigo” – portanto é sempre uma relação de não vinculação, de transitoriedade, o mundo e conseqüentemente a esfera pública constitui-se num lugar de constante passagem unicamente, na qual o crente pentecostal tem a missão de pregar para salvação das “almas” perdidas. Isso envolve até o modo como as próprias comunidades de fé são configuradas. Elas são concebidas principalmente, com o objetivo de salvar os indivíduos, não como comunidade que antecipa o Reino de Deus. Essa constante fuga constante fuga da esfera pública contradiz a ação ontológica do Espírito, enquanto potencializador e viabilizador da ação de Deus no mundo, ação de Deus feita através de homens guiados pelo seu Espírito no mundo, portanto, na esfera pública. “Espírito de Deus é contrário ao isolamento e escapismo do mundo, seja individual ou comunitário”⁴⁶. Portanto, é necessário repensar a identidade pentecostal, que para Fajardo essa identidade foi criada a partir de uma perspectiva de marginalização social, econômica e cultural, que conseqüentemente, resultou na implantação de um discurso de negação do mundo⁴⁷.

1.2 A especulação da escatologia pentecostal - impactos e percepções

No tópico anterior, se abordou de forma breve sobre como as concepções antropológicas, soteriológicas e escatológica pentecostal orienta, de forma direta, o modo como os crentes pentecostais se colocam na vida pública. Porém, não se apresentou aspectos que caracterizam esses

⁴⁶ ALBANO, 2014, p. 412

⁴⁷ FAJARDO, 2011.

conceitos, principalmente a escatologia que eixo norteador desse trabalho, então, se fará agora uma breve caracterização da escatologia pentecostal.

De forma resumida a principal ênfase da escatologia pentecostal é a concepção a pré-milenista, entendida como a crença de que o reino milenar de Jesus, o Messias não se daria na história, ao contrário, considerando o estado decadente progressivo da humanidade, Ele viria encerrar a história e reinar por mil anos⁴⁸. Esse olhar escatológico se desdobra numa forte ênfase no fim do mundo, algo muito frequente nas mensagens de pregadores pentecostais. Essa forte ênfase para Rocha, gera uma atitude de relativização no que tange aos bens terrenos e uma aparente apatia em termos de atuação na sociedade e na participação política⁴⁹.

A forte fixação no fim do mundo e na segunda vinda de Cristo, também denominada de parousia é pauta prioritária das comunidades cristãs desde as igrejas primitivas, porém, fazendo uma leitura rápida da história da igreja cristã, percebe-se que no pentecostalismo a parousia resgate o seu valor de centralidade e, conseqüentemente, reorienta o posicionamento dos fiéis. Para Fajardo:

Assim como na efervescente expectativa da parousia de Cristo em algumas comunidades cristãs primitivas (1Tes 4,13-18), o pentecostalismo antigo apareceu como um reavivar desses rumores escatológicos e apocalípticos, adotando um posicionamento ético que recaiu na

⁴⁸ ROCHA, Daniel. Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro. Revista Protestantismos e Pentecostalismos, V. 6, n. 2, 2016.

⁴⁹ ROCHA, 2016.

*desconsideração e negação deste mundo, experimentando sempre de novo a marginalidade já estabelecida*⁵⁰.

Entende-se que ao mesmo que o pentecostalismo atualizou a crença na parousia, como algo iminente, também reforçou o escapismo. Nesse sentido Albano afirma que “a expectativa da repentina parousia praticamente impede a possibilidade de criar um modelo novo de sociedade”⁵¹. Ainda segundo Albano há um abandono do mundo, para uma nova sociedade, uma sociedade vindoura, cuja presença efetiva desta sociedade depende unicamente da graça de Deus sem a participação humana⁵².

Com o passar dos anos essa apatia em termos de participação política tem se esvaído, a participação ou a presença de pentecostais nos centros de decisões políticas tem crescido de forma significativa. Para Rocha a partir das eleições de 1986 houve uma alteração anteriormente adotada por algumas igrejas pentecostais no âmbito político, principalmente a Assembleia de Deus, passou-se a considerar a possibilidade de eleger parlamentares ligados a alguma comunidade assembleiana⁵³. Sobre esta alteração, Rocha nos convida a atentar para o seguinte aspecto:

Interessamo-nos em observar tal fenômeno não do ponto de vista meramente eleitoral ou do crescimento da participação de políticos evangélicos nas casas legislativas brasileiras, mas pelo viés do discurso teológico, mais precisamente escatológico, que busca

⁵⁰ FAJARDO, 2011, p. 85.

⁵¹ ALBANO, 2014, p. 412

⁵² ALBANO, 2014.

⁵³ ROCHA, 2016.

*legitimar essa mudança de postura dos pentecostais frente à política nacional*⁵⁴.

Ao debruçar-se sobre as razões desta presença pública dos pentecostais, principalmente na esfera política, Rocha, chama atenção para uma possível espiritualidade da política e da vida social⁵⁵. As lutas que outrora preenchia o imaginário pentecostal, entendidas como “batalha espiritual” agora passam a ser objetivadas, travadas na esfera pública, “os anjos e demônios passam a atuar nas estruturas profanas do governo e da sociedade civil”⁵⁶. A participação na esfera pública ganha novos contornos, os “homens de Deus” agora também transitam nessa esfera e passam a disputar lugares de poder nesses espaços. Houve uma inversão, no pré-milenismo clássico havia uma forte consciência da iniquidade do mundo, que conduziu os pentecostais ao isolacionismo, no entanto, agora na escatologia presente da batalha espiritual, a consciência do mal na sociedade e na política leva ao engajamento. Agora há a necessidade de “ganhar” os espaços públicos para Jesus. Tendo em vista que foi apresentado o contexto maior da escatologia pentecostal e sua relação com este mundo e sua vida social, agora se pode voltar mais precisamente à problemática da pandemia.

2. APONTAMENTOS SOBRE A PANDEMIA

2.1 Definição de Pandemia – conceitos

⁵⁴ ROCHA, 2016, p.70.

⁵⁵ ROCHA, 2016.

⁵⁶ ROCHA, 2016, p.73.

O conceito de pandemia se desenvolveu por via da evolução semântica e etimológica do termo, das idiossincrasias⁵⁷ dos povos antigos. Originalmente do grego, a palavra pandemia representa a junção dos prefixos “pan” (tudo, todo) e “demos” (povo) e também era empregada no sentido genérico, fazendo referência a qualquer evento que venha abranger toda população, Platão, fez uso da palavra, pela primeira vez, em seu livro “Das Leis”, seguido por Aristóteles, e Galeno, no qual se utilizou do termo pandêmico, referindo-se a doenças epidêmicas de grande alcance⁵⁸. Já, o conceito foi introduzido no vocábulo médico português, em 1873, por Domingos Vieira, ainda o conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente⁵⁹.

O conceito epidemiologia, etimologicamente, significa estudo das epidemias. Com o tempo, este termo adquiriu um segundo sentido, ampliando o seu campo semântico, o que constitui fenômeno comum a todas as línguas, neste sentido, a epidemiologia estuda tanto as epidemias como as doenças e condições morbígenas não epidêmicas⁶⁰. O estudo da epidemiologia constatou na história que as pandemias e as epidemias muitas coexistiram no tempo e no espaço e foram mais mortíferas que quaisquer armamentos bélicos em tempo de guerra⁶¹. Contudo, quando ocorrem

⁵⁷ Idiossincrasias - é uma característica de comportamento peculiar de um indivíduo ou de determinado grupo. O termo tem vários sentidos, variando de acordo com o contexto em que é empregado, sendo também possível ser aplicado para símbolos que significam algo para uma pessoa em particular.

⁵⁸ REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. Revista UFG, Goiânia, v. 27, p. 153-155, 18 ago. 1998.

⁵⁹ REZENDE, 1998.

⁶⁰ REZENDE, 1998.

⁶¹ RICON, Ferraz, A. As grandes pandemias da história. Porto: Rev. Ciência Elem., v. 8 (2): 25. 2020.

atentados reais à vida, sempre fizeram despertar o melhor das potencialidades humanas, em busca de soluções e alternativas que venham contribuir para o cuidado e a proteção da vida humana.

Os conceitos epidemia e endemia são os mais antigos nos postulados científicos em medicina, a diferença entre os termos traz a ideia que o primeiro termo se caracteriza pela incidência, em curto período de tempo, de grande número de casos de uma doença, já, o segundo termo se traduz pelo aparecimento de menor número de casos ao longo do tempo⁶². Entretanto, a distinção entre epidemia e endemia não leva em conta somente o critério quantitativo, mas o que define o caráter endêmico de uma doença é o fato de ser a mesma peculiar a um povo, país ou região, ou seja, uma doença habitualmente comum entre pessoas de uma mesma região, cuja incidência se prende à ocorrência de determinados fatores locais⁶³.

2.2 A pandemia na história – historiografia

Ao longo da história da humanidade, podem-se observar vários casos de pandemias, nos quais dizimaram muitas vidas, sem regras e normas, por parte das autoridades, em defesa da população, muitas doenças acometiam pessoas de todas as idades, classes, e até mesmo animais. Acredita-se que condições sanitárias e o desconhecimento das causas dessas doenças, ocasionaram tão propagação, que devastou populações inteiras, chegando ao ponto de alterar o curso da própria história⁶⁴. Embora muitas dessas epidemias provavelmente tenham sido causadas por diferentes agentes,

⁶² REZENDE, 1998.

⁶³ REZENDE, 1998.

⁶⁴ REZENDE, Joffre Marcondes de. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

como: malária, cólera, varíola, febre tifóide e tifo exantemático, eram rotuladas de forma genérica como peste. Entre tais eventos pode-se citar: peste de Atenas 430 a.C, peste de Siracusa 396 a.C, peste Antonina séc.II d.C, peste Justiniana 542 d.C, e até então considerada a mais trágica Peste Negra do Século XIV, Gripe Espanhola do século XX⁶⁵.

As causas das pandemias ao longo da história perpassa os modos de vida e a organização político-econômico das distintas sociedades e o cruzamento destas diferentes culturas, repercutindo assim em trajetórias com formações históricas específicas, tensionadas por dinâmicas polarizadas no espaço e no tempo por tendências estruturais contrastantes, tanto, de evolução, quanto, de involução⁶⁶. Estes modos de vida são identificados pela expansão populacional da humanidade em três momentos: 1ª onda - caracterizados pelo surgimento da revolução agrícola; 2ª onda - permitindo ao homem deixar de ser nômade, pela revolução industrial e 3ª onda - a qual ampliou os sistemas de produção e consumo em massa, e, pela revolução informacional⁶⁷. Esse processo evolutivo é marcado por ondas de pragas e outras epidemias letais, com fortes consequências no colapso demográfico.

Como descrito acima, as grandes pandemias da história ocorreram nesse contexto do processo evolutivo. Uma das primeiras epidemias descritas num texto histórico foi a Peste de Atenas, de autoria de Tucídides, em 430 a.C, e de acordo com o historiador os moradores de Atenas atribuíam o mal ao envenenamento da água pelo inimigo, embora, que não havia

⁶⁵ REZENDE, 2009.

⁶⁶ SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. Boletim de conjuntura. Revista UFRR. Ano II, vol. 1, n. 1, Boa Vista, 2020.

⁶⁷ TOFLER, A. Future Shock: The Third Wave. New York: Bantam Books, 1981.

provas do aparente delito⁶⁸. Já, a conhecida peste Antonina (165-180 d.C) no Império Romano, pode ter sido a primeira pandemia, cujo a peste se difundiu rapidamente, fruto das movimentadas rotas comerciais e militares existentes em Roma⁶⁹. Uma das pandemias mais trágicas foi a Peste Negra (1348-1351 d.C), responsável pela morte de cerca de um terço da população do Ocidente, com repercussões sérias na vida social dos tempos subsequentes⁷⁰.

A Gripe Espanhola foi a maior pandemia do século XX, A designação deve-se ao facto de ter sido noticiada pela imprensa espanhola, num tempo de neutralidade da Espanha, sem censura institucionalizada, a pandemia cursou em três vagas e evoluiu de forma letal para quadros de infecção respiratória que de forma insólita atingiu adultos saudáveis, dizimou várias dezenas de milhões de vidas humanas⁷¹. Já, no século XXI surgiram outras pandemias nos casos do Ebola (2018 e 2016), zika vírus (2016), poliomielite (2014), Coronavírus SARS (2012) e gripe suína, H1N1 (2009). No início do ano de 2020, a rápida difusão internacional do novo coronavírus (2019 n-CoV), tendo como epicentro de propulsão da pandemia, a cidade de Wuhan na China, e mais de 20 países afetados, em menos de um mês, fez com que a OMS (Organização Mundial de Saúde) declarasse situação de emergência de saúde internacional⁷². Assim, se faz necessário em um mundo cada vez mais globalizado gerando uma série de sensibilidades e vulnerabilidades biológicas aos países, a criação de agendas de cooperação internacional, transparência comunicacional e de respostas compartilhadas se tornam

⁶⁸ RICON, 2020.

⁶⁹ RICON, 2020.

⁷⁰ RICON, 2020.

⁷¹ RICON, 2020.

⁷² SENHORAS, 2020.

pilastras essenciais, para o sucesso do sistema de governança da saúde pública global, minimizando assim riscos epidemiológicos e consequências socioeconômicas⁷³.

3. A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Tendo apresentado, no tópico anterior, um breve perfil histórico das pandemias mais conhecidas e seus efeitos na vida humana, agora, a pesquisa vai considerar a relação entre a escatologia pentecostal e a questão epidêmica, assim como certa concepção escatológica pode resultar em transformação da realidade, ou espera passiva.

3.1 A teoria pré-tribulacionista e a pandemia (tribulação)

A doutrina pré-tribulacionista defendida pelo pentecostalismo clássico ensina que a Igreja será arrebatada da Terra antes que se inicie o período de Grande Tribulação. Defende uma hermenêutica das profecias bíblicas de forma literal e se fundamenta no dispensacionalismo. O objetivo da Grande Tribulação é lidar com o povo de Israel e não com a Igreja, que já teve o seu período de salvação na dispensação da graça⁷⁴. Portanto, os pentecostais acreditam que o arrebatamento ocorrerá antes do período de Grande tribulação. De acordo com a interpretação pentecostal, a grande tribulação diz respeito à última das setenta semanas de anos de Daniel 9.24-27, assim, sua duração será de sete anos. Este período é conhecido como o tempo da

⁷³ SENHORAS, 2020.

⁷⁴ PENTECOST, J. Dwight. Manual de escatologia. São Paulo: Vida, 1998. p. 217-240.

ira de Deus, ou seja, o período em que Deus irá derramar a sua ira sobre os gentios que não aceitaram o amor de Cristo (1 Ts 1.10; 5.9; Ap 6.16-17)⁷⁵.

Este terrível tempo, segundo a perspectiva pentecostal, ocorrerá após o Arrebatamento. Diz respeito ao tempo anunciado pelos profetas do Antigo Testamento e confirmado pelo restante das Escrituras (Dn 12.1; Is 61.2; 34.8.). O profeta Daniel, por exemplo, refere-se a uma tribulação jamais dantes experimentada (Dn 12.1). O evangelho de Mateus 24.21-29 descreve-a como a Grande Tribulação. Apocalipse 3.10 descreve como a hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. A hermenêutica pentecostal nos assegura, porém, que os crentes fieis escaparão através do arrebatamento e conseqüentemente deveriam encarar essa vida como transitória⁷⁶. Diante deste quadro apocalíptico, deveríamos aceitar Jesus como Senhor e salvador. Ele trará novidade de vida, santificação do indivíduo, assim como a vida eterna no céu. Também, espera-se que os crentes compartilhem a mensagem de salvação com as pessoas do seu entorno.

Um ponto certamente admirável da escatologia pentecostal é sua seriedade em relação à palavra de Deus, acompanhada de seu desejo de resgatar a dimensão apocalíptica da Bíblia. Como alguns dos dias de Jesus, a perspectiva pentecostal destaca a iminência da vinda de Cristo⁷⁷. Contudo, a concepção pentecostal tradicional acerca do mundo em que vivemos é quase gnóstica, ou seja, o mundo é mal e não há nele bem algum. Assim, a dimensão do mundo, enquanto criação divina é esquecida. A implicação é

⁷⁵ SILVA, Esequias Soares da (Org.). Declaração de fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 187.

⁷⁶ SILVA, 2017, p. 185-186.

⁷⁷ SILVA, 2017

que parece faltar um adequado engajamento social além da dimensão privada da vida. Com isso, se tem uma retirada para uma espécie de espiritualidade intra-templo, ligada a uma escatologia supramundana que não se compromete com a transformação do nosso mundo⁷⁸.

Diante desse contexto de compreensão escatológica, a atual pandemia da Covid19 é apenas mais uma tribulação, mas, afinal de contas, não é a grande tribulação. Uma vez que esta ocorrerá só depois do arrebatamento da igreja, então, essa tribulação da pandemia e outras que virão de alguma forma são reduzidas em seu peso e importância. Mas, ocorre que o sofrimento das pessoas é real, mesmo que não seja a grande tribulação. Ainda, geralmente os pentecostais consideram as epidemias como açoite a esse mundo mal, portanto, um justo castigo divino. Porém, em relação ao juízo divino, deve-se tomar cuidado para não seguir o caminho dos amigos de Jó, para quem todo sofrimento é consequência de algum pecado. Na realidade, podem-se especular as razões teológicas da pandemia, mas deveria ter cuidado em ser dogmáticos nessa questão.

Em suma: as crenças escatológicas pentecostais podem contribuir, ainda que de forma inconsciente, para que não se leve tão a sério as tribulações do cotidiano, desse mundo mal, resultando numa certa resignação indevida e falta de engajamentos que lutam pela melhora do nosso mundo atual. Em termos positivos, a escatologia pentecostal, abre-se para a dimensão futura do reino de Deus, considerando seriamente os dados escatológicos, em sua dimensão futurista.

⁷⁸ ALBANO, 2014, p. 407-411.

3.2 Proposta para uma escatologia pentecostal renovada: cuidado e esperança

A humanidade viveu, nos últimos tempos, uma confiança em sua própria onipotência, celebrando os grandes feitos da ciência, acreditando ter chegado ao seu estágio de total maturidade, não necessitando mais de nada nem de ninguém. Nesse contexto parece faltar espaço para Deus. No entanto, o pavor das últimas duas Grandes Guerras; o massacre de inúmeros seres humanos, sejam-nos mais diversos conflitos armados, seja na violência cotidiana em nossas cidades; a fome; a miséria e, mais recentemente, a situação em que vivemos afligidos pela Covid-19, nos levam a pensar e criticar nossa pretensão de onipotência.

Bastou o menor e mais informe elemento da natureza, um vírus, para nos recordar que somos mortais, que o poderio militar e a tecnologia não bastam para nos salvar. A escatologia pentecostal, nessa situação, têm, pois, uma tarefa profética de denunciar tal pretensão humana de onipotência e o faz recordando que só Deus é absoluto e eterno. Outra tarefa fundamental de uma escatologia pentecostal atual é dar as razões da esperança (1Pedro 3.15). Se isso é sempre importante em qualquer tempo e lugar, nas atuais circunstâncias em que estamos, é urgente e necessário. Sim, a escatologia pentecostal pode contribuir como sinal de esperança, para a superação do que estamos vivendo, afligidos que somos pelo novo Coronavírus. E ela o faz anunciando e realizando a sempre antiga e tão nova virtude: esperança. Eis nossa tarefa: divulgar a esperança!⁷⁹

⁷⁹ WRIGHT, N.T. Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências. São Paulo: Thomas Nelson, 2020.

A esperança na Bíblia é algo muito exigente. Ela não é anunciada em tempos de prosperidade e tranquilidade. Pelo contrário: é em tempos sombrios, de destruição ou desolação, quando tudo parece perdido, que alguém tem a ousadia de anunciar a esperança que brota da promessa de Deus, a qual abre para um futuro insuperavelmente melhor que o presente de tristeza e morte em que o povo se encontra. A escatologia se desenvolve ante a ameaça da destruição de nosso mundo. Neste sentido, para Jürgen Moltmann, um dos mais destacados teólogos contemporâneos, a escatologia é idêntica à esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. A fé cristã vive da ressurreição de Cristo e se estende em direção às promessas do retorno glorioso de Cristo, a resposta definitiva de Deus para os sofrimentos do mundo⁸⁰. Moltmann escreveu: “o que seria de nós se não nos apoiássemos na esperança, e se nossos sentidos não se dirigissem para fora deste mundo, no caminho iluminado pela palavra e pelo Espírito de Deus em meio a essas trevas”⁸¹.

Portanto, com Moltmann, a escatologia pentecostal pode aprender a desenvolver o cuidado e a esperança. A desenvolver uma espiritualidade apocalíptica, que não resulta numa existência caracterizada pela espera passiva, ou seja, uma espera que torna a igreja insensível ante o sofrimento do mundo. Antes, pelo contrário, uma esperança escatológica renovada que mobiliza os pentecostais para uma caminhada de transformação constante, pois a fé se apoia na esperança, que rejeita esse mundo, mas, não como fuga, mas como interesse pela sua transformação à luz do reino vindouro.

⁸⁰ MOLTSMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005. p. 30.

⁸¹ MOLTSMANN, 2005, p. 33.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que para os pentecostais, as epidemias são sinais da irrupção da parousia de Jesus e início de um novo tempo. Essa crença contribui para que as igrejas pentecostais fiquem focadas principalmente na evangelização e pregação, mas sem apresentar a mesma força nas questões sociais ou de cuidado.

O *ethos* pentecostal é influenciado fortemente por sua escatologia. Sendo assim, se a Bíblia diz que haverá pragas, terremotos, epidemias, mortes, etc. e que nos últimos dias haverá uma grande tribulação, após a vinda de Jesus para arrebatá-la Igreja, por que se envolver seriamente na resolução das pequenas tribulações do cotidiano (sociais, políticas, etc)? Por que tentar combater os males presente do mundo mal e caído, destinado à condenação? Contudo, propomos que a escatologia pentecostal não deve ser entendida como determinação trágica da história, mas como esperança no futuro de Deus.

A escatologia pentecostal à luz da realidade pandêmica deve incentivar ações de cuidado, tanto de si quanto do outro. Isso pode inclusive significar concretamente, mãos que se juntam para a oração, assim como para a lavagem. É preciso higienizar alma/corpo, e, dessa forma se combate o mal presente, ainda que saibamos que a vitória final, somente terá lugar na história pela entrada desta na eternidade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. Dissertação (Mestrado), São Leopoldo, Faculdades EST/PPG, 2010.

- _____. Escatologia pentecostal: aspectos íntimos e implicações públicas. In: CAMINHOS, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 407-415, jul./dez. 2014.
- FAJARDO, M. Pinheiro. Revista Paralellus, ano 2, n. 4, jul./dez, Recife, 2011, p. 181- 192.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOLTMANN, Jürgen. Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.
- PENTECOST, J. Dwight. Manual de escatologia. São Paulo: Vida, 1998.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. Revista UFG, Goiânia, v. 27, p. 153-155, 18 ago. 1998.
- _____. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- RICON, Ferraz, A. As grandes pandemias da história. Porto: Rev. Ciência Elem., v. 8 (2): 25. 2020.
- ROCHA, Daniel. Concepções escatológicas e vida social no Pentecostalismo Brasileiro. Revista Protestantismos e Pentecostalismos, v. 6, n. 2, 2016. p. 63-74.
- SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. Boletim de conjuntura. Revista UFRR. Ano II, vol. 1, n. 1, Boa Vista, 2020.
- SILVA, Esequias Soares da (Org.). Declaração de fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- TOFLER, A. Future Shock: The Third Wave. New York: Bantam Books, 1981.
- WRIGHT, N.T. Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências. São Paulo: Thomas Nelson, 2020.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) Teologia sistemática pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008